



**CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO BÁSICA**

SAMANTHA DIAS MATOS

**A AFETIVIDADE COMO AGENTE DE QUALIDADE NO
DESENVOLVIMENTO INFANTIL**

Salvador
2016

A AFETIVIDADE COMO AGENTE DE QUALIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Samantha Dias Matos¹

Ludmilla Lopes da FôNSECA²

RESUMO

Esse artigo constitui-se de um recorte acerca da importância da afetividade para o desenvolvimento infantil de qualidade, à luz da matriz de identidade. Teve como objetivos promover uma reflexão a respeito de estudos realizados sobre a afetividade, marcar as fases do desenvolvimento infantil a partir das etapas da formação da matriz de identidade e arrolar argumentos quanto a correlação entre a afetividade e sua qualidade para o desenvolvimento infantil. Vale ressaltar a relevância da saúde mental como elemento complementar à afetividade. A metodologia apoiou-se no levantamento bibliográfico principalmente das teorias de Wallon, Vygotsky, Piaget e Moreno. Os resultados corroboraram a importância de se reconhecer a afetividade como elemento fundante da vida psíquica, constituindo-se como alicerce para o desenvolvimento infantil. Dessa forma, faz-se urgente a inserção do tema afetividade nos ambientes de socialização – família, escola, instituições religiosas -, a fim de que se amplie a produção de estudos sobre esse tema, os estados emocionais e suas manifestações no contexto das relações visando maior compreensão dos aspectos que permeiam o desenvolvimento infantil. Vale ressaltar a importância de se conhecer as fases de desenvolvimento infantil visando favorecer positivamente o desenvolvimento afetivo, social e cognitivo na infância.

Palavras-chave: *Afetividade. Desenvolvimento Infantil. Matriz de Identidade.*

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil diz respeito não, apenas, aos aspectos biológico e motor, mas, também, ao psíquico. A afetividade é parte da função psíquica, aspecto importante na constituição do sujeito. Assim, ALMEIDA & MAHONEY (2007, p.17) nos trazem que: “A afetividade é a condição que o ser humano tem de ser afetado pelo mundo exterior e interior através das sensações relativas às nuances agradáveis ou desagradáveis”. Nesse sentido,

A afetividade refere-se, portanto, ao fato de que em todas as situações vitais conscientes o ser humano tem o testemunho de sua própria vivência interna com respeito à ressonância e ao grau em que esta situação influi sobre ele, que o afeta. (ARRIBAS, 2006, p. 45-46)

¹Estudante de Pós-graduação em Saúde Mental e Atenção Básica pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/Salvador-Ba; Graduada em Psicologia pela Universidade Tiradentes - UNIT/Aracaju-Se.

²Mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB/Salvador-Ba; Graduada em Psicologia pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – Salvador-Ba.

O presente artigo torna-se relevante por buscar refletir sobre a necessidade de trabalhar a emoção, o sentimento e a paixão, apoiado na relação entre a criança e meio social no qual está inserido, como sendo elementos fundamentais na qualidade do desenvolvimento infantil. A vivência de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe ou com a pessoa que desempenha, regular e constantemente, o papel de mãe, mostra-se essencial à saúde mental do bebê, e é essa relação complexa, rica e compensadora com a mãe (ou outra pessoa que exerça essa função), nos primeiros anos de vida, engrandecida pelas relações com o pai e familiares, que a comunidade científica considera a base do desenvolvimento da personalidade e da saúde mental (Bowlby, 1988). O autor expõe, inclusive, que privar a criança desse tipo de relação fará com que esta sofra uma série de efeitos prejudiciais, tais quais exagerada necessidade de amor, angústia, fortes sentimentos de vingança e, conseqüentemente, culpa e depressão.

Espera-se que, a partir desta leitura, possamos auxiliar numa mudança de olhar, de postura por parte de familiares, educadores e da sociedade em geral acerca do elo - e não da dicotomia - existente entre afetividade e desenvolvimento infantil. Além disso, é importante pensar sobre de que forma o impacto social se manifesta em prol da valorização do afetivo, assim como já se faz com o cognitivo, o motor e o biológico.

O presente artigo visa expor a importância da afetividade como componente fundamental ao desenvolvimento infantil, concomitante à teoria da matriz de identidade. A metodologia utilizada para tal baseia-se na abordagem qualitativa que, segundo Minayo,

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (Minayo, 2001, p.14)

Seu enfoque está voltado para os dados de uma realidade não quantificável, na tentativa de compreender e explicar a dinâmica das relações. Os aspectos da pesquisa qualitativa têm como enfoque maior a interpretação do objeto, a importância do contexto do objeto pesquisado e a proximidade do pesquisador diante dos fenômenos estudados (FONSECA, 2002). Todos esses aspectos favorecem ao pesquisador a captação dos diferentes significados da experiência vivida, auxiliando o entendimento do indivíduo em seu contexto.

Ainda neste sentido, a coleta de dados se deu através de pesquisas bibliográficas realizadas por estudiosos do tema, por meio do acesso a bancos de dados, tais quais o

SciELO, Lilacs, além de acervos pessoais de livros e da biblioteca da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP).

Diante das pesquisas realizadas, foi perceptível a grandiosidade da temática afetividade em prol de um desenvolvimento infantil satisfatório, de qualidade, além de favorecer a compreensão dos aspectos fisiológicos e sociais, imbrincados no processo de desenvolvimento.

OLHARES ACERCA DA AFETIVIDADE

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss (2009), a afetividade é a “qualidade ou caráter de quem é afetivo; conjunto de fenômenos psíquicos que são experimentados e vivenciados na forma de emoções e de sentimentos; tendência ou capacidade individual de reagir facilmente aos sentimentos e emoções”. Dessa forma, podemos perceber que a afetividade se manifesta nos indivíduos de maneiras diferentes, a partir de suas vivências singulares.

Conforme à teoria de Wallon, “a afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (MAHONEY & ALMEIDA, 2007, p.17). O ser humano capta estímulos de todas as ordens dos sentidos, dos quais serão internalizados e sinalizados ao mundo exterior por meio expressões de alegria, medo, raiva, dentre outras. O tônus é a origem de onde acontecem as reações afetivas, é a fonte da emoção, já que qualquer alteração emocional terá correlação com uma alteração tônica. (ALMEIDA, 2008). Ou seja, é ele quem denuncia ao mundo a existência da afetividade a partir do nível de tensão muscular, concomitante às ações viscerais e inerentes ao indivíduo, atuando como base material essencial para a vida afetiva.

Wallon distingue emoção, sentimento, paixão e afetividade, admitindo que esta última é mais ampla, pois incorpora os três primeiros aspectos (ALMEIDA, 2008). Embora os três aspectos decorram de manifestações orgânicas e sociais, cada um deles possui uma configuração diferente: na emoção prevalece o estímulo fisiológico; no sentimento prevalece o estímulo representacional; na paixão prevalece o estímulo do autocontrole. A emoção diz respeito à expressão corporal e motora; manifestação da afetividade e ferramenta de conexão entre o orgânico e o social (MAHONEY & ALMEIDA, 2007). Instaura-se, a partir da emoção, o elo com o mundo humano, físico e cultural, revelando o aspecto cognitivo, dando origem à vida psíquica.

A emoção modela o corpo aplicando-lhe forma e consistência. Wallon denominou essa atividade de “*proprioplástica*”. (DANTAS, 1992), ou seja, plasticidade corporal. A emoção é visível e exteriorizada através das alterações na expressão facial e na mímica, decorrentes de expressões como o choro, o riso, o bocejo, os movimentos dos braços e das pernas, e “se nutre do efeito que causa no outro” (GALVÃO, 2003, p. 77), estando sujeito à reação que irá causar no ambiente para manifestar-se. As emoções constituem uma linguagem, cujas mensagens podem tanto desencadear o desenvolvimento da consciência, como fragmentá-la (LANE, 1995, p. 57), visto que possuem caráter social e comunicativo.

Quanto ao sentimento, este é a manifestação representacional da afetividade, não envolve respostas diretas e instantâneas como acontece na emoção, e destina-se a reprimir e controlar a potência da emoção. (MAHONEY & ALMEIDA, 2007). O sentimento não implica em alterações corporais visíveis, eis no que se distingue da emoção, visto que dispõe de maior recurso - pelo adulto - por meio da observação, da reflexão antes de agir. Em vista disso, percebe-se que o sentimento está atrelado às ideias e às reações mais pensadas, envolvendo a memória e as relações constituídas. Machado (1999, p. 1258) define sentimento como sendo a “percepção por meio dos sentidos[...] expressão suave e amuada”, e em concordância, Doron & Parot (2001, p. 690 apud PINTO, 2013) expõem que “a definição de sentimento inclui necessariamente a subjetividade[...] são o modo de inserção dos sujeitos na existência[...] os sentimentos nos fazem ascender ao mundo dos valores”, visto que o sentimento se encontra aliado às representações internas daquilo que se sente.

No que diz respeito à paixão, esta denuncia o surgimento do autocontrole como fator para conter uma situação/cognitivo, um comportamento, configurando-a para atender as carências afetivas (MAHONEY & ALMEIDA, 2007). “As paixões são todos aqueles sentimentos que, causando mudanças nas pessoas, fazem variar seus julgamentos, e são seguidos de tristeza e prazer, como a cólera, a piedade, o temor e todas as outras paixões análogas, assim como seus contrários” (ARISTÓTELES, 2000, p. 5), ou seja, as paixões são tidas como impulsos irracionais e fazem o sujeito se perder em sua racionalidade.

Sawaia (1999) define afetividade como sendo a tonalidade e a cor emocional que impregna a existência do ser humano, abrangendo as emoções e os sentimentos, sendo aquelas reações afetivas profundas, transitórias, provocadas por estímulos significativos e que embarçam o ritmo normal da conduta do indivíduo. Em consonância, Pinto (2007)

salienta que a afetividade integra tanto a reação emocional (estresse, ansiedade, raiva) como as expressões e gestos numa mesma experiência. Diante desses aspectos, a afetividade engloba características, atitudes e valores pessoais.

Rodrigues e colaboradores (1989, p. 15) expõem o conceito de afetividade como sendo um agrupamento contendo:

[...] emoções, os sentimentos e as paixões, procurando, como é óbvio, a descrição dos respectivos estados de consciência. Assim, as *emoções* são fenômenos afectivos internos que surgem geralmente de forma brusca e que também rapidamente se desvanecem. Os *sentimentos* são fenômenos afectivos estáveis que resultam, em regra, da intelectualização das emoções [...].

Dessa maneira, constata-se outro autor que distingue emoção de sentimento, salientando que aquela evidencia menor duração, enquanto este configura durabilidade fundamentado no entendimento que o indivíduo possui das emoções.

A afetividade é em seus primórdios essencialmente emoção, somática e epidérmica, dependendo da presença e da resposta dos envolvidos. Um canal de comunicação é estabelecido entre a criança e o seu grupo social, onde essa troca é puramente afetiva, não constituindo uma relação intelectual. (MAHONEY & ALMEIDA, 2012). A criança anuncia ao mundo suas necessidades e desconfortos, dando início a uma relação essencial e indiferenciada entre si e seus envolventes, em que o meio humano servirá de intermédio entre os fatores fisiológico e social.

“A afetividade é também uma fase do desenvolvimento [...], ela refluí para dar espaço à intensa atividade cognitiva” (DANTAS, 1992, P.90). A criança produz associações e assimila os significados oferecido pelo meio. Nota-se que, diante do fluxo de comunicação afetiva, emerge a vida psíquica da criança, manifestando-se as primeiras imagens mentais, marcando os primeiros passos para a sua individualidade. De acordo com Wallon (1979), o desenvolvimento vai muito além do cérebro, já que as relações afetivas compreendem papel essencial no desenvolvimento do indivíduo. Até porque é através delas que a criança manifesta suas vontades e seus desejos, mesmo que os estímulos sejam insuficientes em algumas situações da vida.

Segundo La Taille (1992), Vygotsky alerta para o fato de que separar intelecto do afeto não traria uma completa compreensão do pensamento humano, já que isto só seria possível a partir da compreensão de sua base afetivo-volitiva, visto que a origem do pensamento se sustenta na esfera da motivação, na qual estão inseridas necessidade, inclinação, interesses, impulsos, afetos e emoção. Segundo o autor,

[...] admitir que o pensamento depende do afeto é fazer pouca coisa, é preciso ir mais além, passar do estudo metafísico ao estudo histórico dos fenômenos: é necessário examinar as relações entre o intelecto e o afeto, e destes, com os signos sociais, evitando reducionismos e dualismos. (VYGOSTSKY, 1977, p. 343)

Isto é, a perspectiva vygotskyana retrata a dimensão social do desenvolvimento humano, visto que o indivíduo só se desenvolve no seio cultural. Oliveira (1991) relata que, para Vygotsky, a cultura fornece aparatos para simbolizar e significar a realidade, processo fundamental para o desenvolvimento psicológico humano. Esclarece ainda que a emoção na obra vygotskyniana, “nunca foi o bandido do conhecimento, perturbador de erros e perturbador da ordem natural, mas, a base da construção do conhecimento”. Sawaia (2000) assinala que, em relação ao tema emoção, Vygotsky teve como preocupação maior derrotar a dicotomia intelecto-emoção, e não o aprimoramento do conceito ou formas de controlá-lo, pouco explorando a teoria das emoções. A autora revela, inclusive, que a afetividade é reflexo das relações ao longo da história do sujeito, alcançando sentido em determinadas relações. Esse sentido irá variar de acordo com as vivências particulares de cada sujeito, constituindo-se intrapessoalmente e na relação com os outros.

No que diz respeito ao papel das emoções para o desenvolvimento, Vygotsky aponta a existência de duas correntes de ideias: a primeira considera as emoções como tendo uma origem biológica e a segunda corrente investiga a natureza psicológica das emoções (SOUZA, 2011). Nessa investigação, Vygotsky diferencia emoções primitivas originais, tendo como exemplo a alegria, o medo e a raiva, das emoções classificadas como ‘superiores’ complexas, tais como a melancolia e o respeito (SIMÃO, 2004), ressaltando que “a qualidade das emoções sofre mudanças à medida que o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem”, visto que “no decorrer do desenvolvimento as emoções vão se transformando, se afastando desta origem biológica e se constituindo como fenômeno histórico e cultural” (OLIVEIRA & REGO, 2003, p. 20).

Na concepção de Piaget,

É indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em conseqüência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente. (1962/1994, p. 129 apud SOUZA, 2011, p. 252)

Essa proposição do autor confere à afetividade um caráter essencial para a evolução do indivíduo, além de romper com a visão dicotômica do mesmo ao relacionar afetividade e inteligência. Conforme seus estudos, Piaget (1971) explana que toda conduta é guiada por um interesse, que se conecta a uma meta para a ação, no qual esses interesses se manifestam por meio de valores. Segundo o autor, valor é o crescimento da atuação do eu na conquista do universo; é a troca afetiva com o exterior (objeto ou pessoa); é a dimensão qualitativa do interesse, visto que os valores que atribuímos às pessoas representam a gênese dos sentimentos.

Embora alguns autores não tenham um consenso sobre a definição de afetividade - Goleman identifica emoção com sentimento, Damásio (1998) os distingue, reconhecendo que as emoções podem ser divididas em primárias e secundárias, na qual estas são inatas e primitivas, derivando todas as emoções secundárias, que constituem o alicerce para os sentimentos. O autor conclui, ainda, que alguns sentimentos não se originam das emoções, e sim da resposta de alterações cognitivas e do pensamento, sendo repensados, continuamente, por meio das emoções.

Na visão de Maturana (2001, p. 129), os afetos/emoções são “disposições corporais dinâmicas que especificam os domínios de ações”, ou seja, as disposições afetivo-emocionais direcionam as ações. Deste modo, a criança passa a manifestar um comportamento de apego, no percurso de seu desenvolvimento, naturalmente observável e que destaca a formação de uma relação afetiva com as principais figuras deste ambiente (BOWLBY, 1969).

"É impossível alcançar saúde se não se cuida das necessidades emocionais" (OMS, 1990). A importância da saúde mental é estimada pela OMS – Organização Mundial de Saúde - e está retratada no conceito de saúde pela OMS como “não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade”, mas como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social”. A abordagem da saúde mental atravessa a dimensão integral do sujeito, considerando os aspectos biológicos, psicológicos e sociais que transformam seu estado de saúde. A saúde mental é o equilíbrio emocional entre o patrimônio interno e as exigências ou vivências externas. É a capacidade de administrar a própria vida e as suas emoções dentro de um amplo espectro de variações sem, contudo, perder o valor do real e do precioso. É ser capaz de ser sujeito de suas próprias ações sem perder a noção de tempo e espaço. É buscar viver a vida na sua plenitude máxima, respeitando o legal e o outro. (LORUSSO apud SESA).

MATRIZ DE IDENTIDADE: DESCRREVENDO O CONSTRUTO

De acordo com J. L. Moreno, a matriz de identidade diz respeito à rede de relação primária onde a criança está envolvida, levando em consideração o tempo em que os pais se apaixonaram, os fatores biológicos, psicológicos e socioculturais (FONSECA, 2012).

(...) matriz é, em si, o próprio conceito de vínculo em sua acepção mais exata. Esse conceito de matriz não deve ser considerado no sentido de um mero molde, mas como um universo de ações e interações fundamentais e constituintes; uma área onde o homem desempenha papéis protagônicos, deuteragônicos e antagonônicos que determinam e marcam, no momento mesmo em que emergem originalmente, as características fundamentais de um determinado indivíduo, no processo evolutivo em que vai se constituindo. (MENEGAZZO, TOMASINI e ZURETTI, 1995, p. 124)

É a placenta social da criança, onde se favorece segurança, orientação e guia, constituindo o local de manifestação do eu, e suas ramificações, os papéis (MORENO, 1975). O papel é a maneira na qual o sujeito se mostra frente a uma determinada situação em que envolve pessoas e objetos. É fundante e embrião do “eu”, encontra-se presente desde o nascimento, manifestando-se antes linguagem, visto que as matrizes de ação antecedem às matrizes verbais.

O homem é visto por Moreno como um ser essencialmente social, um homem em relação. (...). Esse homem, simultaneamente individual e grupal, atua por meio do “eu tangível”, ou seja, do papel. A personalidade manifesta-se na conduta por intermédio dos papéis que definem o homem. (MARRA, 2004, p. 40)

Nesse sentido, Moreno compreendeu que o sujeito sofria por não poder realizar todos os papéis que conseguia desenvolver, explicação para o surgimento de angústias e ansiedades.

J. L. Moreno situa o sujeito nas primeiras fases de desenvolvimento, denominadas primeiro universo e segundo universo (RAMALHO, 2010). No primeiro universo, a criança não distingue pessoas de objetos, não diferencia fantasia/imaginário de realidade, vive, apenas, o tempo atual e expressa relações indiscriminadas. Posteriormente, o bebê inicia a distinção entre objetos e pessoas, demonstrando predileções relacionais. Dessa forma, a matriz de identidade evolui de um nível fusionado-indiferenciado para um, diferenciado (FONSECA, 2012). No segundo universo, desponta uma “brecha” entre a realidade e a fantasia, e então os indivíduos começam a exercer dois tipos de papel: o

papel social e o papel psicodramático; àquele mais ligado à realidade e este mais relacionado à fantasia e à interioridade (RAMALHO, 2010).

MÉTOD

O presente trabalho contemplou a conceituação da afetividade e os diversos olhares de estudiosos do tema a respeito de sua relevância como agente de qualidade para o desenvolvimento infantil sob a perspectiva do psicodrama. A elaboração deste estudo estendeu-se em dois procedimentos: a) pesquisa bibliográfica através da coleta e seleção dos textos e livros; b) leitura e análise, bem como sua organização e redação. O acesso às bibliografias realizou-se manualmente e eletronicamente. O primeiro baseou-se em pesquisas diretamente de livros e revistas de referências disponíveis na biblioteca da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública – EBMSP e no meu acervo pessoal; o segundo baseou-se em pesquisas na internet, através do site da LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde); da Scielo (Scientific Electronic Library Online) e CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Alcançou-se como resultado final dessa etapa um levantamento de títulos, levando em consideração a observação do título, da data da publicação da obra, da leitura da introdução e da bibliografia.

A pesquisa desenrolou-se através de seleções de títulos acerca da afetividade, do desenvolvimento infantil e da matriz de identidade, buscando suas correlações, embasada nos autores Wallon, Vygotsky, Piaget, Pinto, Mahoney, Almeida, Moreno e diversos teóricos dos temas. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: afetividade, desenvolvimento infantil e matriz de identidade. Consideraram-se, apenas, as publicações que responderam à questão do estudo, publicadas no período de 2006 a 2016, no idioma português.

A partir dos materiais encontrados, partiu-se para a leitura desses na tentativa de identificar trechos relacionados com a temática da pesquisa. Uma vez identificados, as leituras ocorreram mais de uma vez como forma de compreender e discorrer sobre os conceitos de afetividade, emoção, sentimento, paixão, bem como da teoria do desenvolvimento na perspectiva do psicodrama.

A pesquisa utilizou como estratégia a abordagem qualitativa que, na visão de Minayo e Sanches (1993), busca esquadriñar a compreensão das pessoas, dos relacionamentos e das pessoas, suscitando possibilidades para estudos futuros. Nesse

modelo de pesquisa, a relação com o objeto de estudo não é neutra e objetiva, como ocorre na abordagem quantitativa, visto que os sentimentos e percepções do pesquisador são importantes (Günther, 2006). Dessa forma, Minayo (1994) afirma que a objetivação não é viável quando se trata de dados preferencialmente qualitativos, uma vez que é impossível descrever a realidade de modo autêntico. Segundo a autora, a possibilidade de uma objetivação factível é aquela na qual exige prudência do pesquisador para “reduzir os juízos de valores”.

Na apresentação dos tópicos da pesquisa, escolheu-se exemplificar com argumentações dos autores, apresentando recortes de trechos relevantes para a discussão e corroboração do tema pesquisado. Os textos e livros selecionados permitiram o estudo conceitual proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade é um tema principal na obra de Henri Wallon, porém sua teoria não se apresenta de forma estruturada (ALMEIDA, 2008). O autor não catalogou sua teoria de forma organizada, e as informações encontram-se dispersas em diferentes obras. Em relação aos sentimentos e às paixões, Wallon traz menos informações do que as relativas às emoções, no entanto, o autor deixa claro que são posteriores às emoções (ALMEIDA, 2008), só aparecendo mais tarde, quando começam a atuar as representações, recurso maior por parte dos adultos. Ainda considerando Wallon (1979), este afirma que afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, visto que o primeiro impulsiona o segundo, originando a vida psíquica.

De acordo com Souza (2011), os diversos modelos psicológicos procuraram lidar com a separação entre razão e emoção, conferindo a estas uma relação de modelo causal ou de predomínio, resultando em teorias “cognitivistas” ou teorias “afetivas”. Não existe pensamento sem sentimento, não existe ação sem pensamento, nem ação sem ambos. (HELLER, 1985, p.34 apud BAPTISTA, 2006, p. 34), visto que ação, pensamento e sentimento são manifestações da vida humana, separadas unicamente de maneira didática e funcional.

Dessa forma, verificamos que, no início da vida, dispomos de uma afetividade impulsiva, emocional, nutrida pelo olhar, pelo contato físico e se expressa em gestos, mímica e posturas. Mais adiante, devido à aquisição e desenvolvimento da linguagem, desabrocha uma afetividade simbólica, que se exterioriza por meio de palavras e ideias.

Em concordância com Galvão (1995), percebe-se que a afetividade vai se tornando racionalizada, os sentimentos são elaborados no plano mental, os jovens teorizam sobre suas relações afetivas, isto é, a afetividade vai alcançando alguma independência dos aspectos corporais, em função da maturação do sistema nervoso.

Piaget (1971) assegura que a vida afetiva, assim como a vida intelectual, é adequação constante, e ambas vidas se adequam de maneira interdependentes, visto que os sentimentos expressam os interesses e os valores das ações, constituídos, fundamentalmente, pela afetividade e inteligência. O autor incorpora, ainda, o conceito de força de vontade como uma força que ameniza a inclinação de medidas diferentes (fortes e fracas), organizando-as em conjuntos de valores e prioridades. Dessa forma, pode-se considerar afetividade e inteligência eixos indissociáveis na conduta, ainda que compreendam papéis distintos, caminhando juntas.

De acordo com a abordagem vygotskyana, o destaque estará nas relações histórico-culturais manifestadas, principalmente, na linguagem da criança (e do adulto), influenciando em seu desenvolvimento e aprendizagem. Portanto, a afetividade encontra-se relacionada às subjetividades dos membros em interação, visto que as relações são atravessadas e transformadas pela cultura, bem como transformando-a, mutuamente.

Faz-se necessário reconhecer a afetividade como elemento constituinte do movimento de construção do desenvolvimento infantil, implicando um outro olhar sobre a prática educacional/relacional, não a restringindo às dimensões cognitiva, motora e biológica. O ambiente social e a dinâmica das relações, em meio ao desenvolvimento dos papéis sociais, confere à afetividade função primordial da atividade psíquica.

É perceptível o quanto é revolucionário os conceitos acerca do desenvolvimento e seus entrelaçamentos com as dimensões motoras, afetivas, e cognitivas, delimitando as emoções como importante fator de mediação na formação do psiquismo. Além disso, faz com que sua teoria seja aporte imprescindível nos estudos que pretendem depreender a relevância da afetividade na constituição do sujeito, ou seja, que tencionam olhar os componentes afetivos como fatores funcionais.

Nós somos o que pensamos, sentimos e como comunicamos isso ao mundo. De acordo com Lane (1995), emoção, linguagem e pensamento são instrumentos que levam à ação, portanto somos as tarefas que desenvolvemos, a consciência que representa o mundo e a afetividade que ama e odeia esse mundo. Assim, munidos desses aparatos, nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos rodeiam, constatando que “a influência do afeto não se circunscreve à socialização individual apenas, mas encontra-se

presente tanto na constituição do indivíduo, ou seja, o afeto seria um fator intrínseco ao processo de desenvolvimento, quanto na sua integração à sociedade” (BRAZÃO, 2015, p. 354).

Diante dos achados desta pesquisa, pudemos perceber, também, que não há uma definição “oficial” do que seja saúde mental devido às questões transculturais, visto que estudiosos de cada cultura a definem de modo peculiar, entretanto “os conceitos de saúde mental abrangem, entre outras coisas, o bem-estar subjetivo, a autoeficácia percebida, a autonomia, a competência, a dependência intergeracional e a autorrealização do potencial intelectual e emocional da pessoa” (OMS, 2001). Sendo assim, a preservação da saúde mental se estabelece como parte fundamental da saúde global, possibilitando ao indivíduo o usufruto pleno de suas capacidades cognitivas, relacionais e afetivas, bem como o enfrentamento de dificuldades na vida, a produtividade no trabalho e a cooperação para atividades em sociedade.

Perante as análises expostas acima, discussões, estudos e divulgações a respeito do tema proposto são favoráveis e necessários para o rompimento de pensamentos dicotômicos e para a preconização de ações que configurem a afetividade como parte intrínseca da existência humana. O diálogo e as pesquisas acerca da afetividade, das emoções, são fundamentais para a compreensão do desenvolvimento infantil e das modificações que se processam ao longo da evolução. Acima de tudo, é fundamental assimilar a criança como um ser integral, em constante processo e movimento contínuo de desenvolvimento dos aspectos afetivo, motor, cognitivo. Na progressão de suas idades, a criança é o mesmo ser único, contudo em transformação.

Portanto, faz-se necessário a construção de novos estudos que abordem a temática afetividade na tentativa de elucidar a sua importância como agente de qualidade no desenvolvimento infantil, bem como o enriquecimento deste campo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. A afetividade no desenvolvimento da criança. Contribuições de Henri Wallon*. **Revista Inter Ação**, v. 33, n. 2, p. 343-357, 2008.

ARISTÓTELES (2000). *Retórica das paixões*. São Paulo: Martins Fontes (Tradução: Isis Borges B. da Fonseca).

ARRIBAS, Teresa LLeixá et al. *Educação Infantil: Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BAPTISTA, Rogério Rodolfo. *A mediação emocional na constituição de um grupo comunitário*. 2006. 132 f. Dissertação de mestrado em Psicologia Social - Pontifícia Universidade Católica De São Paulo, São Paulo. 2006.

BOWLBY, J. (1969). *Apego*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

BOWLBY, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. (V. L. B. de Souza e I. Rizzini, Trad.) 2. ed. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1976).

BRAZÃO, José Carlos Chaves. A Implicação do Afeto na Psicologia do Desenvolvimento: uma Perspectiva Contemporânea. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 2015, vol.35, n.2, pp.342-358. ISSN 1414-9893. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-370302222013>.

DAMÁSIO, A. R. (1998). *O erro de Descartes: Emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras.

DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Y. de et al. *Piaget, Vygotski, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

FONSECA, José. *Onde está o reconhecimento do ele na matriz de identidade? Intersecções entre Moreno e Lacan*. **Rev. bras. psicodrama**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 115-134, jun. 2012. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010453932012000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 abr. 2016.

FONSECA, João J. S. Metodologia da Pesquisa Científica. Curso de Especialização em Comunidades Virtuais de Aprendizagem – Informática Educativa. UECE: 2002.

GALVÃO, Isabel. (2003). Expressividade e emoções segundo a perspectiva de Wallon. In V.A. Arantes & J. G. Aquino (Eds.), *Afetividade na escola. Alternativas teóricas e práticas* (pp. 71-88). Campinas, SP: Ed. Summus.

GALVÃO, Isabel. *Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GÜNTHER, H. (2006). *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?* Psicologia: Teoria e Pesquisa, vol. 22, nº 02, Brasília, may/aug. Recuperado em 10 outubro 2009, de <http://www.scielo.org>.

HOUAISS, Antônio. Afetividade. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

LANE, Sílvia Tatiana Maurer. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, S. T. & SAWAIA, B. (orgs). *Novas veredas da psicologia social*. São Paulo. Brasiliense. 1995.

LA TAILLE, Yves.DANTAS, Heloisa e OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. 24. ed. São Paulo: Summus, 1992.

- MACHADO, J. P. (1999). *Dicionário Dom Quixote da língua portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote.
- MAHONEY, Abigail A & ALMEIDA, Laurinda R. de. (orgs.). *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- MARRA, Marlene M. *O agente social que transforma - O sociodrama na organização de grupos*. São Paulo: Ágora, 2004.
- MATURANA, H. (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG.
- MENEGAZZO, Carlos M., TOMASINI, Miguel A., e ZURETTI, Maria M. *Dicionário de psicodrama e sociodrama*. São Paulo: Ágora, 1995.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo/Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.
- MINAYO, Maria C. S. (Org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001. 80p.
- MINAYO, M. C. S & SANCHES, O. (1993). *Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade*. Cad. Saúde Pública Rio de Janeiro, 9 (3): pp. 239-248, jul/sep. Recuperado em 13 setembro 2009, de <http://www.scribd.com/pdf>.
- MORENO, Jacob L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Do biológico ao cultural: a contribuição de Vygotsky à compreensão do desenvolvimento humano*. Trabalho apresentado no II Congresso Latino-Americano de Neuropsicologia e I Congresso Brasileiro de Neuropsicologia, de 2 a 6 de novembro, 1991, São Paulo. (mimeo)
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da Afetividade em Vygotsky. In: LA TAILLE, Y. de et al. *Piaget, Vygotski, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de & REGO, T. (2003). Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In V. A. Arantes & J. G. Aquino (Eds.), *Afetividade na escola. Alternativas teóricas e práticas* (pp.13-34). São Paulo: Summus.
- OPAS/OMS. *Saúde mental: nova concepção, nova esperança*. Genebra: OMS; 2001.
- PIAJET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.
- PINTO, Fausto Eduardo Menon (2007). A dimensão afetiva do sujeito psicológico: Algumas definições e principais características. *Revista de Educação*, v. 10, n.10, p. 9-15, agosto 2007. ISSN 2178-6933. <http://pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/2131>.

PINTO, Fauto Eduardo Menon (2013). A afetividade: Algumas poucas ideias sobre o (novo) estudo da emoção e do sentimento no funcionamento psicológico do ser humano. *Psicologia.pt*. Documento produzido em 02 ago. 2014. ISSN 1646-6977. <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0811.pdf>.

RAMALHO, Cybele M. R. *Psicodrama e dinâmica de grupo*. São Paulo: Iglu, 2010.

RODRIGUES, C. e colaboradores. *Afetividade*. Porto: Autores e Contraponto Edições, 1989.

SAWAIA, Bader Burihan (1999). O sofrimento ético político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão (pp.97-118). In: *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Vozes.

SAWAIA, Bader Burihan (2000). *Por que investigar afetividade?* Texto apresentado para concurso de professor titular de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SESA. Secretaria do Estado da Saúde do Paraná. (SSP/DVSAM – Saúde Mental) Definição de Saúde Mental. Disponível em <<http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1059>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

SIMÃO, L. M. (2004). Alteridade no diálogo e construção do conhecimento. In L.M. Simão & A. M. Martinez (Eds.), *O outro no desenvolvimento humano. Diálogos para a pesquisa e prática profissional em psicologia* (pp.29-39). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. 2011, vol.27, n.2, pp.249-254. ISSN 0102-3772. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722011000200005>.

WALLON, H. (1934/1995). *As origens do caráter na criança*. Trad. Heloysa Dantas de Souza Pinto. São Paulo: Nova Alexandria.

WALLON, Henry. *Psicologia e Educação da Criança*. Trad: Ana Rabaca e Calado Trindade. Lisboa: Veja, 1979.